



# A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA NORTE-AMERICANA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DOUTRINÁRIO E DO GRADUADO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Orientador: 1º Ten Cav Felipe André Ferreira Ribeiro

2º Sgt Cav - nº 218 - Luiz Eduardo da **Silva Aquino**

2º Sgt Cav - nº 219 - **Acácio** Severo Silva

2º Sgt Cav - nº 226 - Murillo **Bertola** Cristaldo

**RESUMO:** A 2ª Guerra Mundial promoveu expressivas mudanças na forma de combater nas guerras, influenciando exércitos de todos os continentes, inclusive o Exército Brasileiro (EB). Este ensaio tem como tema geral a contribuição da influência da doutrina militar norte-americana para a evolução profissional do graduado do EB, tendo como foco a evolução doutrinária do Exército e as implicações para os seus graduados. Como principal característica, destacamos a mudança da Doutrina Militar Francesa para a Doutrina Militar Norte-americana. Este ensaio se justifica pela necessidade de amplo conhecimento sobre um período da história que possui um grande significado para a formação e mudança da base doutrinária de combate do EB, especialmente com a criação de diversas escolas de formações com base no preparo e emprego adquiridos com a cooperação entre Brasil e Estados Unidos. A metodologia utilizada se constituiu basicamente por uma pesquisa bibliográfica exploratória e pesquisas científicas encontradas em grande parte na Biblioteca do Exército (BIBLIEx). Na conclusão, mostrar-se-á o porquê de a história mundial jamais ter se esquecido dos feitos das praças do EB no teatro de operações italiano e como a 2ª Guerra Mundial mudou o Exército de Caxias.

**Palavras-chave:** FEB. Praças. Exército Brasileiro. 2ª Guerra Mundial. Doutrina Militar.

## 1 INTRODUÇÃO

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi formada oficialmente pela Portaria-Ministerial nº 47-44, do dia 9 de agosto de 1943. Esta portaria também delineava a constituição da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. O Boletim Reservado do Exército nº 16, expedido no dia 13 do referido mês, determinava quais as unidades existentes que iriam compor a FEB, e as novas formações a serem criadas. A Portaria e o Boletim reservado foram a pronta resposta brasileira aos ataques realizados pelas Forças do Eixo à nossas embarcações e à pressão Norte- Americana. Tal resposta ficou escrita em um lugar de destaque nas páginas da história, pelos feitos da Força Expedicionária durante a Campanha do IV Corpo no campo de batalha Italiano, ficando registrado a bravura e as conquistas dos militares da FEB na 2ª Guerra Mundial. Junto com o terror, a morte e a destruição, as grandes guerras da humanidade trouxeram inovações e mudanças técnicas e táticas, as quais provocaram atualizações no preparo e emprego dos Exércitos e dos homens que os integram. Tais inovações

serviram como base para o avanço da doutrina militar como um todo. Nenhum conflito promoveu tanto terror e mudanças significativas na história como a 2ª Grande Guerra mundial, inclusive no EB, através dos militares da FEB. Neste cenário, a Doutrina Militar dos Estados Unidos da América e as experiências vividas em combate pelos militares que integraram a FEB, sob o ordenamento de tal doutrina, influenciaram diretamente os graduados.

Assim se fez necessário promover uma total atualização dos quadros do Exército, visto os inumeráveis ensinamentos colhidos na preparação e execução no próprio Teatro de Operações (TO). Era um grande desafio, mas as experiências adquiridas precisavam ser transmitidas nas Escolas de Formação e nos corpos de tropa após a volta para casa.

A pergunta central é: Como a doutrina norte-americana, com a qual os militares da FEB na 2ª Guerra Mundial tiveram contato, impactou a doutrina do EB e principalmente os graduados?

Visto a importância do tema, este ensaio se justifica pela necessidade de amplo conhecimento sobre um período da história que possui um grande significado, retratando as raízes da evolução da Doutrina Militar Brasileira, a partir das atualizações implantadas no Pós 2ª Guerra Mundial.

O tema discorrido tem por objetivo principal destacar o impacto da evolução doutrinária vivida pelo EB sobre o graduado. Contempla assim a mudança de referência da doutrina francesa para a norte-americana. Nesse sentido, em linhas gerais, o Exército Brasileiro substituiu a doutrina francesa defensiva de emprego das forças terrestres pela norte-americana de concepção ofensiva e, então, desenvolve uma doutrina militar brasileira, qualificada pelo emprego militar ofensivo norte- americano, aliado à iniciativa, liderança e resiliência, atributos cognitivos evidenciados nos militares brasileiros.

A metodologia empregada constituiu-se basicamente



por uma pesquisa bibliográfica exploratória, a qual foi realizada em livros e artigos científicos sobre o tema, de língua portuguesa. Uma grande fonte de recursos e pesquisas foi encontrada na Biblioteca do Exército.

Logo, o presente ensaio tem como tema a contribuição da influência da doutrina militar norte-americana para a evolução profissional do graduado do EB, restringindo-se principalmente a evolução doutrinária do Exército e as implicações para os seus graduados.

Para isso, adotará as seguintes etapas: Os militares da FEB; um breve paralelo entre a Doutrina Francesa e a Norte Americana; implicações para a Doutrina do Exército Brasileiro; as principais mudanças no emprego do graduado; e após o desenvolvimento será apresentada uma conclusão.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO:**

### **2.1 Os militares da FEB**

Inicialmente, é preciso entender quem eram os militares e principalmente as praças que compunham a FEB. O seu alto comando foi formado por oficiais de carreira, da mesma forma que o Estado-Maior Divisionário, oriundos da classe média e das escolas militares para oficiais. No entanto, dentre os oficiais subalternos, mais de 60% dos oficiais eram oriundos das fileiras de reservistas formados nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva. Isso ocorreu devido aos oficiais de carreira serem transferidos em relevante quantidade das unidades escolhidas para formar a FEB, demonstrando assim a descrença geral, por parte dos militares profissionais, na chance de êxito da Força Expedicionária, explica Silva (2015).

Quando nos referimos as praças, da mesma forma que com os oficiais, tiveram seus efetivos fechados na grande maioria com soldados convocados e graduados voluntários. No caso das praças, as fontes históricas indicam que tal fenômeno de esvaziamento foi causado pelos pré-requisitos da aprovação médica para uma unidade tipo norte-americana, que retiraram a grande maioria das praças de carreira do Exército. Os graduados e praças em geral eram membros das camadas mais desabastecida da população, com educação fundamental ou incompleta, com um alto índice de analfabetos. A maioria dos conscritos era proveniente das áreas rurais, agricultores e criadores de animais, o que é justificável considerando-se que a população brasileira da

década de 1940 era centralizada na zona rural. Operários e os trabalhadores urbanos formaram o segundo grupo mais numeroso, afirma Silva (2015).

Santana (2019) agrega ao que foi exposto, explicando que ao todo foram mobilizados cerca de 25 mil homens para integrar as unidades da FEB, sendo que a mobilização encontrou consideráveis dificuldades no que se referia à seleção física do pessoal, em razão da pouca robustez do brasileiro. Além disso, existiram muitas dificuldades no processo devido às limitadas possibilidades do Serviço de Saúde do Exército, referente à seleção médica do pessoal, atrapalhando o preparo e emprego da tropa.

Acerca do relacionamento entre os graduados e o oficialato (subalterno, intermediário e superior), dentro desse microuniverso que caracterizava a FEB, Carvalho (2005) explica que graças ao convívio com as tropas estrangeiras, de cultura, hábitos e mentalidade completamente diferentes que as vividas até então dentro do Exército, viu-se uma influência profunda verificada na disciplina, pois as relações tornaram-se mais compreensíveis, humanas, liberais, menos rígidas e isentas de preconceitos. Assim a disciplina autoritária e do medo cedeu lugar à disciplina consciente, reduzindo a distância entre superiores e subordinados.

### **2.2 Um breve paralelo entre a Doutrina Francesa e a Norte Americana**

É importante definir e compreender conceito de uma Doutrina Militar Terrestre (DMT), pois é ela que define literalmente o todo e muito das particularidades de um Exército e influi no preparo e evolução dos seus graduados. Brasil (2014) explica que a doutrina, em seu sentido mais abrangente, é o conjunto de princípios, conceitos, normas e procedimentos, fundamentados na experiência, destinada a definir linhas de ideias e a direcionar ações, expostos de forma integrada e harmônica. Ou seja, uma DMT é o conjunto de valores, fundamentos, conceitos, concepções, táticas, métodos, regras e procedimentos de uma força, definido com o objetivo de orientá-la na preparação de seus meios, considerando a conduta de emprego mais provável, em operações terrestres e conjuntas. O mesmo autor destaca a inter-relação indissociável entre doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura, sendo estes aspectos

determinantes para alcançar as capacidades essenciais para o cumprimento de determinada missão ou tarefa. A Doutrina de um exército é o pilar de sua concepção operacional, logística e de ensino técnico-profissional, sempre com objetivo de emprego em situação de guerra.

Figura 01: Linha *Manigot*, representação máxima da Doutrina Militar Francesa



Fonte: Arquivo particular do autor com informações extraídas e editadas do site <https://hojenasegundaguerramundial.wordpress.com>

Antes da entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, a Doutrina Militar, que era estudada e aplicada em solo nacional, era a Doutrina Militar Francesa, considerada a melhor do mundo, e que no período de 1918, até o seu fracasso na mão dos alemães, em 1940, foi uma doutrina em natureza defensiva. Era uma doutrina em que o ataque, mesmo que não nitidamente excluído, na prática, dadas as particularidades doutrinárias, ficava em um distante segundo lugar no que diz respeito à defesa do território nacional na priorização de objetivos. A sua representação máxima se materializou em território francês com a construção da Linha *Maginot*, (Figura 01) imaginada como a defesa insuperável para proteger a França da agressão alemã, explica Silva (2015).

Quando da eclosão da 2ª Guerra Mundial, o Exército Brasileiro estava totalmente alinhado com a Doutrina Francesa como à organização, material, preparo e emprego, devido à Missão Militar Francesa, que desde 1919, com sua eficiência e eficácia, reorganizou o Exército, reorientou a doutrina, elaborou novos regulamentos e aperfeiçoou o ensino e a instrução das Escolas Militares.

A análise positiva do prosseguimento dos trabalhos da Missão Francesa acarretou sucessivas transformações do contrato

entre Brasil e França, prolongando a missão de cooperação por 20 (vinte) anos consecutivos. Neste sentido, é possível ver que o graduado brasileiro era formado e alinhado totalmente com uma doutrina defensiva e suas implicações, afirma Santana (2019). Moraes (2005) descreve o trabalho hercúleo que foi a missão de preparar o contingente da FEB. Ele explica em suas memórias no livro a *FEB pelo seu Comandante*:

[...] Numerosos e difíceis foram os obstáculos à tarefa de se organizar uma força expedicionária de acordo com os moldes norte-americanos. Há longos anos o Exército Brasileiro vinha sendo instruído por uma operosa missão militar francesa. Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de infantaria, com organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos.” (MORAES, 2005, p. 27)

Nas palavras de Moraes (2005), vemos o desafio que foi para os graduados de carreira e mesmo os de caráter temporário que foram incorporados. A mudança de um modelo defensivo para ofensivo não implica somente em novos conhecimentos e adestramento em materiais bélicos e formações de combate, mas sim em uma mudança de percepção e da essência do próprio modo operante da Força e de seus militares. Aqui citamos os graduados de carreira, pois eram a “ponta da lança”, que em grande parte das vezes durante o fogo é que estavam com suas frações, pois como vimos anteriormente, e Silva (2015) explica, os oficiais de carreira se transferiram em massa das unidades escolhidas para a FEB, sendo incorporados oficiais temporários. Um dos grandes motivos desse êxodo foi exatamente essa mudança no cerne da doutrina.

Silva (2015) explica uma Doutrina Ofensiva caracterizando o modelo norte-americano:

[...] busca a destruição da força inimiga, ou melhor, da capacidade do inimigo de fazer a guerra. Embora tradicionalmente pensarmos nas tropas ao falar de “força inimiga”, devemos perceber também, especialmente ao falarmos das guerras industriais do século XX, que eliminar a força inimiga envolve a eliminação da sua capacidade industrial e sua estrutura logística; ou seja, suas possibilidades de suprir seu esforço de guerra. A campanha de bombardeios estratégicos executada pela Força Aérea norte-americana contra a

Alemanha e o Japão, assim como a campanha submarina alemã contra os comboios que supriam a Grã-Bretanha, são dois exemplos de uma estratégia ofensiva mirando a logística e a capacidade industrial adversárias. Também é necessário perceber que a eliminação da força inimiga pode se dar no campo imaterial, em que se obtém a vitória ao eliminar a vontade adversária em continuar a luta. De fato, apenas nas situações mais extremas encontramos exemplos de uma força lutar “até o último homem”; mais comum é a luta se prolongar até que uma das forças em conflito perca sua coesão física e moral, e se renda ou abandone o campo de batalha. Um exemplo extremo (e controverso) foi o uso de bombas atômicas contra Hiroshima e Nagasaki: o potencial de destruição da nova arma, somado à declaração norte-americana de que os ataques atômicos prosseguiriam (um blefe, vale lembrar) levou o governo imperial japonês à rendição. (SILVA, 2015 p.92-93)

comandante deveria coordenar e direcionar a ação de todas, explorando seus poderes para alcançar os propósitos desejados. Uma realidade muito diferente daquela vivida até então pelos graduados do EB, que estavam acostumados com uma doutrina na qual o princípio coordenativo que guiava o emprego das armas combinadas era direcionado para a missão da infantaria, ou seja, a missão da infantaria era a missão geral da força inteira. As missões especiais das outras armas eram derivadas das suas chances de colaborar para a execução da missão da infantaria.

#### 2.4 As principais mudanças no emprego do graduado

As principais mudanças ocorridas após o fim da segunda grande guerra tiveram como objetivo principal o fomento e a difusão da instrução e formação do graduado como forma de inserir o conhecimento técnico especializado através da criação das escolas de formação e especialização. Dentre essas mudanças ocorridas os grandes destaques do pós-guerra foram a criação da Escola de Sargento das Armas (ESA) que foi criada em 21 de agosto de 1945 com o objetivo de formar o sargento graduado do Exército Brasileiro e, na mesma data, a fundação da Escola de Instrução Especializada (EsIE), substituindo o antigo Centro de Instrução Especializado (CIE), que fora criado para especializar os contingentes de especialistas que lutaram na 2ª GM.

A Escola de Sargentos das Armas (ESA) é uma instituição militar, que tem por objetivo formar o sargento das armas de infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia e comunicações. Segundo Brasil (2021) é uma das principais escolas de formação de sargentos das Forças Armadas brasileiras, ademais:

A Escola de Sargentos das Armas (ESA) com sede em Três Corações, foi criada no dia 21 de agosto de 1945, com o término da 2ª Guerra Mundial, através do Decreto Nº 7.888. Teve sua origem da Escola de Sargentos de 1894, fruto da necessidade de uma maior profissionalização nos corpos de tropa, ocupando inicialmente as instalações da antiga Escola Militar do Realengo (Rio de Janeiro). (BRASIL, 2021).

A EsIE foi transformada com o intuito de capacitar e especializar os militares brasileiros de Armas e Serviços dentro do conceito da nova doutrina formando e aperfeiçoamento para o emprego da Força Terrestre. Conforme a seguir,

### 2.3 Implicações para a Doutrina do Exército Brasileiro

Santana (2019) relata que grande parte do desafio e necessidade de adequação do graduado da FEB foi relacionada a mudança, emprego e utilização dos novos equipamentos, principalmente os novos armamentos de uso individual e coletivo. O que demandou um grande esforço para adequação e levou ao desenvolvimento profissional dos militares. O EB usava os fuzis Mauser (modelo 1908) e equivalentes de calibre 7x57mm que foram trocados por fuzis de calibre .30 e 7,62mm como a Carabina M-1 e os fuzis *Springfield* e *Garand*. Foram adquiridas submetralhadoras de calibre .45 M3 *Grease Gun* e *Thompson* M1A1), além de pistolas *Colt* calibre .45, revolveres *Smith & Wesson* calibre .45 e metralhadoras *Browning* M-1919 calibre 7,62mm e *Browning* M2 calibre .50.

Figura 02: 1. Fuzil Mauser "brasileiro" Modelo 1908, em calibre 7x57mm 2. Carabina M-1 da FEB (Cal .30) 3. Fuzil Springfield da FEB (Cal 7,62mm) 4. Fuzil Garand da FEB (Cal 7,62mm)



Silva (2015), ao abordar a visão Norte-americana do entendimento e uso do emprego Combinado das Armas, explica que nessa Doutrina nenhuma arma sozinha ganha batalhas, sendo a atuação combinada de todas as armas e serviços essencial ao sucesso, pois as particularidades de cada arma e serviço são ajustadas para a sua função especial. Logo, o



[...] a EsIE participou ativamente da modernização do Exército por intermédio da formação e aperfeiçoamento de especialistas para as Unidades das Armas e Serviços, sendo indispensáveis para reestruturação da Força Terrestre (pós a 2ª Guerra Mundial), além de prestar apoio às instruções das demais Escolas Militares.

O ensino era ministrado segundo os conhecimentos psicopedagógicos mais modernos existentes: o Método Ativo ou Escola Ativa, visando o estímulo ao discernimento, a iniciativa e da conduta mediante a observação. Dessa maneira, o instruendo aprenderia a resolver, com êxito, as situações novas e imprevistas que se apresentassem no desempenho de suas funções.

Essa foi a primeira vez no Exército em que uma Escola passara a adotar um método de ensino corporificado em seu regulamento. Portanto, pode-se inferir que a EsIE foi a precursora do ensino por competências no âmbito do Exército. (ESIE, 2021).

Em 1945, houve a criação do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo (CAER), com a missão de capacitar os novos contingentes na utilização dos novos materiais oriundos da Campanha na Itália. Dessa forma a instrução militar passou a ter uma nova abordagem, prática e objetiva. Brasil (2021) reforça que o CAER foi a origem da atual Diretoria de Educação Técnica Militar (DETMil), que exerce ação de comando, coordena, controla e supervisiona a execução e a avaliação do processo ensino-aprendizagem nos estabelecimentos de ensino, voltados para especialização, extensão, formação e aperfeiçoamento. Ela orienta, supervisiona e avalia os cursos e as principais mudanças no emprego do graduado na formação e aperfeiçoamento de sargentos do EB.

## CONCLUSÃO

A Força Expedicionária Brasileira cruzou o Oceano Atlântico, com uma tropa formada por brancos, negros, pardos e amarelos, para combater um inimigo duro e determinado, causando espanto entre os próprios brasileiros e entre as demais forças e agentes envolvidos no esforço de guerra.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial veio a modificação doutrinária do modelo francês para o norte-americano. Em um primeiro momento a influência norte-americana foi, na prática, em um período de dois anos: entre 1943, quando é decidido o envio da FEB para lutar na guerra, até 1945, com o final desta, sendo que tal reforma apenas aconteceria no período pós-guerra.

Para o graduado que foi para o Teatro de Operações da

Itália, a influência da doutrina norte-americana foi sentida em todos os aspectos do seu aperfeiçoamento técnico-profissional, doutrinário, ideológico e psicológico, como militar e como indivíduo. Os militares que serviram durante os anos de guerra retornaram para casa como combatentes e vetores disseminadores de conhecimento. Vetor que se intensificou e multiplicou com a criação da CAER e sua evolução até se tornar a DETMil.

Dentro do tema, a contribuição da influência da doutrina militar norte-americana para a evolução profissional do graduado do EB, principal objetivo deste ensaio, destacamos o impacto da evolução doutrinária vivida pelo EB sobre o graduado, tendo como ápice a mudança de modelo da doutrina francesa para a norte-americana. Certamente o adestramento para combater na 2ª Guerra Mundial impactou a doutrina do EB e os próprios militares, principalmente os graduados. Tais objetivos foram alcançados durante o desenvolvimento deste ensaio.

Conclui-se que, hoje o Sargento do EB deve a qualidade de sua formação e aperfeiçoamento aos ecos de 1945, pois, graças a eles, houve a reestruturação dos currículos das escolas militares, através da criação da Escola de Sargentos das Armas (ESA) e da Escola de Instrução Especializada (EsIE), introduzindo os meios de raciocínio para estudo de situação e tomada de decisões utilizada pela FEB nos campos da Itália. Houve também a prevalência da especialização em detrimento da generalização na preparação dos combatentes, assim como o incremento dos intercâmbios de oficiais e praças do EB no Exército dos EUA, para a consolidação de uma Doutrina Militar genuinamente Brasileira.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretoria de Educação Técnica Militar. **Diretoria de Educação Técnica Militar: Ensino e Coesão, Forças do Brasil!** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Diretoria de Educação Técnica Militar. 2021. 156 p.

BRASIL, Ministério da Defesa. Exército brasileiro. **Escola de Sargentos das Armas completa 127 anos**. 2021. Disponível em: <[https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset\\_publisher/znUQcGfQ6N3x/content/id/13383692](https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/znUQcGfQ6N3x/content/id/13383692)>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CARVALHO, Luis Paulo Macedo. **Consequências e Reflexos da Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial**. 2005. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/283>> Acesso em: 02 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **Doutrina Militar Terrestre – EB20-MF-10.102**. 1ª Edição, Rio de Janeiro, 2014

ESIE - ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA. **Sinopse histórica da Escola de Instrução Especializada**. 2021. Disponível em: <<http://www.esie.eb.mil.br/a-esie/historico>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Neve, Fogo e Montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/45)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

SANTANA, C. V. C. **A evolução doutrinária do Exército Brasileiro a partir da experiência na 2ª Guerra Mundial**. 2019. 64 f. Dissertação de Mestrado. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

SILVA, D. A. **A Dialética de Doutrinas Francesa e Norte-Americana no Exército Brasileiro: O Caso da Força Expedicionária Brasileira**. 2019. 205 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.